



# Agenciamento e ações em massa de retirantes nas Províncias do Norte do Império - 1877 e 1889.

Francisco Ramon de Matos Maciel<sup>1</sup>

Artigo recebido em: 05/10/2019  
Artigo Aprovado em: 16/01/2020

## RESUMO

A migração de sertanejos pobres do interior do Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte, para as vilas e cidades litorâneas, revelou formas de agenciamento e política popular em episódios de revoltas e insurreições durante as secas de 1877 e 1879. Essas sublevações, em muitos casos, respondiam à questão da distribuição dos gêneros alimentícios pelas comissões de socorros públicos, criadas pelos presidentes de província para assistirem a população retirante, que aglomeravam-se no espaço urbano e seus arredores. Os saques aos armazéns do governo, e também a grupos particulares, foram algumas das ações coletivas que os sertanejos encontraram para dialogar, e pressionarem as autoridades locais, e ao mesmo tempo, conseguirem alimentos de primeira necessidade. No final, conseguindo os gêneros alimentícios, geralmente uma distribuição era feita entre a própria multidão sertaneja. Essa pesquisa analisa como os “motins da fome” tornam-se um fenômeno social que rompe as fronteiras provinciais da região norte do Império durante as secas de 1877 e 1889. Os resultados parciais do trabalho apontam que as formas de agenciamento dos retirantes nas grandes secas da passagem do XIX, tornaram-se um fenômeno social com fortes elementos políticos das classes subalternas.

**Palavras-chave:** Ações coletivas. Retirantes. Seca.

**Agency and mass activities of migrants in Northern Empire Provinces -1877 and 1889.**

## ABSTRACT

The migration of rural poor people from the interior of Ceará, Paraíba and Rio Grande do Norte, to the towns and coastal cities, revealed forms of agency and popular politics in episodes of revolts and insurrections during the droughts of 1877 and 1879. These upheavals, in many cases, answered the question of the distribution of foodstuffs by the public help commissions. Which were created by the provincial presidents to assist the migrant population clustered in and around urban space. The looting of warehouses, both privately and publicly owned, were some of the collective actions that the backcountry found in order to create dialogue and to pressure local authorities to get staple foods. In the end, the migrants would typically distribute the food amongst themselves after obtaining it. This research examines how "hunger riots" became a social phenomenon that broke the provincial borders of the northern empire during the droughts of 1877 and 1889. The partial results of the paper indicate that the forms of agency of the migrants in the great droughts of the nineteenth century became a social phenomenon with strong political elements of the subordinate classes.

<sup>1</sup> Possui graduação em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2010) e mestrado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2013). É doutorando no programa de pós-graduação em história social da Universidade Federal do Ceará. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1210647449446611>. Contato: [nomarmatos@gmail.com](mailto:nomarmatos@gmail.com).



**Keywords:** Collective actions. Migrants. Drought.

## 1. INTRODUÇÃO

As insurreições e revoltas populares estão presentes na formação da sociedade brasileira no oitocentos. Ocorridas entre várias províncias e regiões do império, sua expressão alcançou padrões múltiplos de organização em contextos de eleições, questões religiosas, disputas de terra e medidas econômicas descomedidas para com a vida cotidiana dos indivíduos subalternos. Essas sublevações, por exemplo, são narradas em trabalhos como os de Mathias Röhrig Assunção (2008), João José Reis (2003), Maria Verônica Secreto (2011), Angela Alonso (2002) e Mônica Duarte Dantas (2001), que abordam desde as revoltas regenciais e populares a conflitos políticos.

Por outro lado, uma memória oficial ainda persiste em ofuscar, ou redimensionar, as revoltas populares, colorindo com matizes brandas as suas ações, motivações e organização, representadas por uma índole que se desloca dentre os extremos da ignorância à parcimônia dos homens livres, cativos e libertos da sociedade imperial. Esse discurso, ou prosa contrainsurgente, como descreveu Ranajit Guha (2002), traz uma série de narrativas (oficial, memória e historiográfica) que não enxergam os grupos subalternos como agentes políticos dotados de ações e vozes atuantes no processo de formação do estado-nação e sociedade.

Propomos, nesse artigo, na contramão da “amnésia” social e prosa contrainsurgente acerca das camadas populares no oitocentos, reconstruir as experiências de agenciamento e resistência dos sertanejos da região norte do império que encontraram, a partir dos “motins da fome”, expressões de luta coletiva, política e popular nas grandes secas de 1877 e 1889.

Nossa interpretação sobre as revoltas dos retirantes tem influência de historiadores como E. P. Thompson e George Rudé, quando abordam os conceitos de “economia moral”, “cultura popular” e “multidão”, porém, enxergamos também as manifestações populares não apenas pela defesa de direitos consuetudinários, conservadores e paternalistas, mas como um repertório de ações dos próprios sujeitos<sup>2</sup>. Portanto, nosso argumento é o de que as ações em massa dos retirantes durante as grandes secas nas províncias do norte constituem um fenômeno social importante para a memória, história social, experiência de luta e resistência dos ‘debaixo’ da sociedade brasileira.

---

<sup>2</sup> “Um repertório é uma espécie de caixa de ferramentas cultural de que as pessoas servem para fazer reivindicações coletivas” (MONSMA, 1996, p. 19).



## 2. “*ARMAZÉNS, BOATOS, CRIMINOSOS E MULHERES*”: AÇÕES COLETIVAS DOS RETIRANTES NAS SECAS DO NORTE (1877-1889)

Os sertanejos do alto sertão das províncias do Ceará, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte encontraram nas vilas e cidades litorâneas, além de locais arejados como brejos e serras, as rotas para se deslocarem nas grandes secas do final do XIX. O cenário urbano e seu território municipal acolherá, em sua grande parcela, os episódios de conflito e revoltas entre as forças públicas, população e retirantes. As capitais como Fortaleza e Recife experimentaram a diáspora sertaneja procedente de várias províncias do norte<sup>3</sup>. Desse modo, a migração em massa contribuiu para os arranjos e desarrajos familiares, epidemias e mortalidade nesses espaços, como também a apropriação de uma mão de obra para serviços de melhoramentos materiais pelas autoridades locais e formação de um proletariado das secas (CÂNDIDO, 2014).

Porém, parecia também não existir limites e fronteiras quando o assunto era as formas de ações coletivas dos retirantes sobre a questão da distribuição de gêneros alimentícios e políticas dos socorros públicos. Na cidade de Mossoró, moradores da Barra<sup>4</sup> escrevem ao vice-presidente da província do Rio Grande do Norte que estavam ameaçados por doze mil

---

<sup>3</sup> Sobre pesquisas que abordam esses espaços durante as secas, consultar CHAVES, José O. de Souza. *Fortaleza e os retirantes da seca de 1877-1879: o real de um imaginário dominante*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1995; GARCIA, Ana Karine Martins. *A Sombra da Pobreza na Cidade do Sol: o ordenamento dos retirantes em Fortaleza na segunda metade do século XIX*. São Paulo, 2006, 208f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Estudos de Pós-Graduação em História Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2006; GREENFIELD, Gerald M. *O comportamento dos migrantes e as atitudes das elites durante a grande seca do Nordeste: 1877-1879*. Caderno de Estudos Sociais. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Instituto de Pesquisas Sociais (Caderno de Estudos Sociais; vol. 5, nº2), 1989, p. 225-226. NEVES, Frederico de Castro. *A Multidão e a História: saques e outras ações de massas no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

<sup>4</sup> Manuel Ferreira Nobre faz referência, no seu livro de 1877, à cidade de Mossoró e às localidades da “Barra de Mossoró” e “Porto de Areia Branca”. A primeira é uma das mais “abrigadas e mais calmas do Norte do Brasil. Navios de todo porte podem descarregar e tomar seus carregamentos ali com muita economia e prontidão”. Tempestades são desconhecidas, além de o canal ser regular e livre de pedras. Enquanto seu porto “é um dos mais próximos da Europa. Muitas embarcações estrangeiras e vapores o visitam anualmente”. Até aquela data nunca recebeu melhoramento material, entretanto, “navios, calando 12 pés d’água, entram e saem francamente”. Tanto a Barra como o Porto possuem distância de sete léguas com a cidade de Mossoró. A mesma ainda possui o “Porto da Ilha”, que por uma gamboa navegável saindo de Areia Branca, fica a distância de uma légua da cidade. “Pequenas embarcações vão constantemente ao Porto da Ilha descarregar e tomar carregamentos, com muita facilidade. É considerável o movimento diário entre a ilha e a cidade.” Cem carros de bois levam as mercadorias e gêneros de produção da terra, “cada um desses carros conduz, de uma só vez, 16 a 18 sacos”, além de existir sempre no Porto da Ilha “três carruagens, conduzindo e reconduzindo passageiros, por preço cômodo”. NOBRE, Manoel Ferreira. Mossoró em 1876. In: *Breve Notícia sobre o Rio Grande do Norte*: baseada nas leis, informações e fatos considerados na História Antiga e Moderna. 2. ed. Rio de Janeiro: Porgetti, 1971. Mossoró: Coleção Mossoroense, Série “B”, Vol. 438, 1986, p. 11, 12 e 13. Assim podemos ter uma noção de como esses espaços eram importantes nas atividades econômicas da cidade, pois eram os locais de fluxos de mercadorias, navios e vapores, além de serem próximas ao litoral, mostra-se uma tendência da migração sertaneja para essas paragens.



retirantes que “mais parecem bestas feras [...] sahirão há três dias pela primeira vez desta ajuisada linha de proceder, arrombando o armazém em que se depositarão os gêneros do Governo de metade dos quaes se apoderarão” (PALÁCIO DO GOVERNO DO RIO GRANDE DO NORTE, 1878, p. 92). Estes mesmos que ainda ontem “invadirão armados, em numero de duzentos homens, esta localidade, dispostos a matar e roubar, nenhuma desgraça se dando felizmente, graças ao Onipresente”, que permitiu que ainda existisse “alguma farinha com que se lhes abrandasse a sanha”. No dia seguinte, dirigiram-se a “uma barçaça ancorada no meio do rio e carregada com o resto de farinha que sobraram do primeiro saque e dela pode apoderão-se com violências e no meio do maior desenfrentamento” (*Ibidem*).

O contexto do episódio está relacionado com as ordens de suspensão dos gêneros alimentícios para os retirantes ociosos pelo vice-presidente Manoel Bezerra Montenegro no segundo semestre de 1878, sendo que os socorros públicos “seja exclusivamente para cegos, aleijados e doentes” (JORNAL DO RECIFE, 1879, p. 4). Várias ações coletivas dos retirantes sobre a política de distribuição dos gêneros do governo continuaram na cidade de Mossoró e suas povoações. Areia Branca foi mais um exemplo, como mostra um ofício da delegacia de polícia do mês de novembro.

[...] Comunico a V<sup>a</sup> que no dia 1<sup>o</sup> do corrente por ocasião do Administrador da meza de Rendas geraes deste porto Antonio Cypriano de Araujo Silva declarou ao povo emigrante que não havia distribuição de socorros se não aos cegos e aleijados, armarão-se todos os retirantes em numero talvez de dous ou três mil e tentaram arrombar o armazém em que se achavão depositados os gêneros destinados para o socorro, o que não levarão a efeito por encontrarem de minha parte e do tenente coronel João Chrysostomo Bezerra Cavalcante, algumas pessôas e praças que aqui se acharão resistência formal. No dia 4, porem, aproveitando-se os mesmos retirantes sem duvida da augencia d'aquellas pessoas e praças tentarão de novo arrombar o referido armazém, armados de faca e cacetes e dele tirarão à força cerca de duzentas saccas de farinha que distribuirão-na entre si (PALÁCIO DO GOVERNO DO RIO GRANDE DO NORTE, 1878, p. 111).

Os saques aos víveres do governo eram, muitas vezes, distribuídos entre os sertanejos que participavam da ação coletiva de arrombar os armazéns e enfrentar a força pública. A política de distribuição popular era uma forma de economia moral que legitimava as atitudes dos retirantes nesse contexto de crise de abastecimento nas secas, na qual, o *conflito* aparece como um dos elementos de organização da cultura política dos sujeitos nesses eventos de motins e revoltas<sup>5</sup>. Em de Macau o quadro era semelhante. No relatório do presidente Manoel

<sup>5</sup> Na tentativa de compreender a constituição da multidão como um sujeito político, Frederico de Castro Neves examinou o processo histórico da formação dos conflitos que lhe deu origem até que estabelecesse uma “tradição” de ações diretas como mecanismos de pressão política pelos sertanejos pobres durante as secas do XIX ao XX. Esse processo demonstrou, ao contrário da interpretação da “visão espasmódica” da fome, uma compreensão generalizada e popular de que a distribuição da riqueza social deveria ser regulada, em momentos



Bezerra Montenegro encontra-se, no tópico “tranquilidade pública”, que, por diversas vezes, alguns grupos “em número superior a duas mil pessoas, armadas de cacetes, percorrem as ruas públicas da cidade, gritando em altas vozes, que os membros da comissão lhes não de dar alimentos, saiam d’onde sahirem”, chegando-se ao ponto de “atacarem um dos comissários, que tinha em seu poder as chaves do armazém, em que se depositam os generos”<sup>6</sup>.

Na província do Ceará não ocorreu diferente. A cidade de Aracati, uma das comarcas mais atingidas pela onda de migração dos sertões depois da capital Fortaleza, enfrentou episódios de motins da fome na seca de 1877-79. O capitão Julio Cesar da Fonseca, em ofício do dia 24 de julho de 1879, quase no final da grande estiagem, declarou “que no dia 16, por ocasião de um grande tumulto em que um grupo armado de machados, gaúchas, páus e tijolos, pretendia arrombar o Armazem a onde se achava os generos do Governo”<sup>7</sup>. Um ofício da comissão de socorros da mesma cidade também discorre sobre as ameaças contra a ordem pública e segurança privada pela presença dos retirantes.

As actuaes circunstancias em que se acha esta comarca, leva esta comissão pedir providencias a V. Ex.<sup>a</sup> no sentido de ser augmentada a força pública aqui estacionada para garantia da ordem, do respeito as leis e direitos individuaes. A massa da população se condensa de dia para dia, composta de indivíduos que constantemente chegam a esta cidade em procurar de meios para sua subsistência, tem trasido alguma perturbação a ordem publica e em constante sobre salto o espirito dos pacíficos habitantes d’esta comarca em vista de alguns factos que se tem dado. Ainda hontem por volta das dez horas do dia cerca de oitocentos ou mais homens assaltarão o mercado publico com o fim de roubarem o que ahi havia exposto a venda, não tendo conseguido o seu intento por haver encontrado resistência da parte dos que virão ameaçados de serem espoleados de sua propriedade<sup>8</sup>.

Mesmo não conseguindo saquear os gêneros do governo e grupos particulares, a organização dos retirantes revela a estratégia de escapar muitas vezes das autoridades, isto é, através do anonimato da multidão. Os sertanejos, como sujeito coletivo, ampliam sua força política através das ações em massa, tirando delas suas formas de conflito, diálogo e pressão para com os dispositivos do poder imperial.

---

de crise, por um conjunto de regras morais, diferente das regras econômicas. A intervenção agenciada pela multidão nos mercados de alimentos e de trabalho mostra a presença de uma “economia moral” que orienta, motiva e, principalmente “legitima as ações da multidão”. NEVES, Frederico de Castro. *A Multidão e a História: saques e outras ações de massas no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, p. 20.

<sup>6</sup> *Relatorio com que installou a Assembléa Legislativa Provincial do Rio Grande do Norte no dia 4 de dezembro de 1878 o 1.º vice-presidente, o exm. sr. dr. Manoel Januario Bezerra Montenegro*. Pernambuco, Typ. do Jornal do Recife, 1879, p. 03.

<sup>7</sup> APEC CSP. Fundo: Governo da Província. Comissão de Socorros Públicos. Caixa 02. Localidades com a Letra A.

<sup>8</sup> *Aracati, 1878. Comissão de Socorros. Ofícios Expedidos. Relação de Indigentes. Relação de Órfãos*. BR APEC CSP. Fundo: Governo da Província. Comissão de Socorros Públicos. Caixa 02. Localidades com a Letra A.



Os motins da fome nas secas também ocasionavam episódios violentos entre sertanejos e força pública, resultando, assim, em mortos e feridos. Na vila de Pacatuba, próxima à capital cearense, o major Chrisanto escreve ao jornal Diário de Pernambuco, no dia 28 de março de 1878, que os retirantes “que se mostram insaciáveis, arrombaram as portas do armazém onde se acham os gêneros do governo, e tiraram 11 saccos de farinha e pouca de carne, gêneros estes que estavam destinados para o pagamento dos trabalhadores”. Logo se fizeram presentes a força pública e delegado de polícia e “facilmente pode-se conter os turbulentos, ficando no conflito apenas feridos 2 soldados e alguns retirantes. Os ferimentos são leves” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1878, s/p). Talvez um dos casos mais violentos de revoltas durante essa seca no norte ocorreu novamente no povoado de Areia Branca na cidade de Mossoró, em 27 de janeiro de 1879, onde uma multidão de retirantes, entre eles mulheres sertanejas, ao lado do criminoso Francisco Moreira de Carvalho, enfrentou a força pública da cidade ao comando do alferes Rodrigues Pessoa, ocasionando, ao final do conflito, a morte do alferes, algumas praças do destacamento e pessoas do povo<sup>9</sup>.

Uma estratégia de ação dos retirantes contra as autoridades e membros das comissões de socorros públicos era a criação de boatos e ameaças de saques. O medo da multidão de sertanejos assaltando vilas e cidades fez-se presente nas províncias do Norte nessa seca de 1877. Em Pernambuco, uma carta dos moradores da vila de Palmares enviada ao Jornal do Recife comenta que “corre como certo que será a villa atacada por muitos retirantes e será saqueada. Se de facto esses ingratos homens assim pretenderem levar a efeito seu desideratum horrível e muito serão as vítimas”. Seus habitantes prezam a “Deus que a notícia seja falsa; mas dizem que alguns retirantes já fizeram mortes no lugar Mairal, onde pretendem roubar” (JORNAL DO RECIFE, 1878a, p. 2).

Na província de Alagoas, por telegrama da comissão de socorros de Pernambuco na cidade de Piranhas ao vice-presidente, constou-se que “vários comboios, que conduziam viveres para Tacaratú, haviam sido atacados por homens armados”; e por outros telegramas da comissão de socorros, das autoridades judiciárias e do Presidente da Câmara Municipal de Pão de Açúcar, consta-se que “os emigrantes ameaçavam de saque a essa cidade, logo que se acabassem os alimentos fornecidos pelo Governo” (RELATORIO..., 1878, p. 4).

---

<sup>9</sup> Sobre esse episódio específico consultar, MACIEL, Francisco Ramon de Matos. “*Sedentas de sangue*”: ações em massa de mulheres retirantes no rio grande do norte (1877- 1879). Anais do XXIX Simpósio Nacional de História – contra os preconceitos: história e democracia. Brasília. 2017. Disponível em: <[https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1488471578\\_ARQUIVO\\_sedentasporsangue.pdf](https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1488471578_ARQUIVO_sedentasporsangue.pdf)>. Acesso em: 20 set. 2018.



Na cidade de Propriá escreveram ao jornal Paulo Afonso, gazeta da cidade de Penedo, que “acha-se ameaçada de ser saqueada pelos emigrantes da Colonia do Porto Real do Collegio”. O chefe do bando apareceu “ultimamente aqui de passeio com outros e convenientemente armados, fizeram debandar os soldados do destacamento que se achavam no quartel”. Propalou os mesmos de “atacar primeiramente o commercio e as pessoas mais abastadas”. Consta-se que essas ameaças seriam pelo interesse do presidente da província em dissolver a colônia de Porto Real do Colégio, “mandando-os para os trabalhos da via férrea de Paulo Afonso, e por tal motivo eles querem lançar mão dos meios que usavam no sertão” (JORNAL DO RECIFE, 1878b, p. 1). Além dos boatos de ameaças de saques, as alianças com criminosos e grupos de assaltantes parecia ser outra estratégia encontrada pelos retirantes nas suas formas de agenciamento. Tyrone Cândido (2014, p. 305) discorre que

Essa associação entre retirantes e assaltantes podia ser perigosa, mas rendia aos sertanejos um considerável maior poder de ação em saques a depósitos, sobretudo em centros mais bem protegidos como eram Mossoró e Aracati. Contando com homens armados e destemidos, os salteadores jogavam com informações cruzadas, ameaçavam por meio de recados a autoridades como juizes, coletores de impostos, administradores de mesas de rendas, inspetores de quarteirão, comandantes de tropas, ou seja, aquela gente responsável pelas armas e pelo dinheiro, principais objetos dos butins. Em tempos de seca, do ponto de vista dos criminosos, incluir flagelados nos grupos de assalto era uma boa maneira de confundir os soldados e quem sabe até evitar as contraofensivas com armas de fogo.

A presença de mulheres retirantes também surgiu nos episódios de motins da fome durante as grandes secas do final do XIX. No ano de 1889, na província da Paraíba, encontrase eventos de ações coletivas que reuniram sertanejos de ambos os sexos. A praça da matriz da cidade de Guarabira estava completamente cheia de homens e mulheres retirantes: “Aquelles marcharam para a casa do juiz de direito e pediram-lhe dinheiro, estas em gritos e assuados diziam que a Rainha lhes tinha mandado muito dinheiro e gêneros e os ricos estavam com eles, sem lhes querer dar”. O magistrado, sem força pública para repelir os revoltosos, dirigiu-se ao povo oferecendo-lhe trabalho, o que foi aceito pela sua maioria. Mais tarde, “alguns dos grupos que não queriam trabalho se convidavam para atacar o commercio, matar o juiz de direito, a quem atribuem, especialmente, sua desgraça – gritando que não mais aceitariam salários pequenos – menos de dois cruzados!” (GAZETA DA PARAHYBA, 1889a, p. 1). A consciência da exploração que sofriam nas relações de trabalho para conseguir as verbas do governo não estava ausente das demandas populares e ações coletivas dos sertanejos, mostrando-se, assim, uma reivindicação legítima ao lado da dos gêneros alimentícios.



Os desarranjos familiares ocasionados pelos casos de abandono e morte de maridos, filhos, filhas e demais parentes no processo migratório, aliados ao desejo de proteção do restante de suas famílias, resultaram em motins organizados apenas pelas mulheres retirantes na seca de 1889. Na capital da Paraíba, no lugar Varadouro, “um bando de mulheres famintas tentou arrombar o armazém de socorros públicos e não conseguindo, atacaram os trabalhadores que estavam carregando para terra [*sic.*] de uma barcaça” (GAZETA DA PARAHYBA, 1889b, p. 2). Dias depois do ocorrido, novamente as retirantes voltaram a se manifestar nas ruas da cidade:

[...] Hontem reproduziram-se no Varadouro as scenas do dia 30, mas em maior escala, por quanto as mulheres famintas atacaram os homens que faziam a descarga de farinha para a Casa Santos Gomes & C<sup>a</sup>; e tomaram 12 saccas do disputado alimento. Em seguida dirigio-se a turba faminta aos depósitos do governo e começou a apedrejar as suas portas, mesmo nas barbas dos soldados de linha e da policia, e do Sr. Ex.<sup>a</sup> presidente da província, e Dr. chefe de polícia que ali compareceram, sendo a força comandada pelo Sr. Tenente Lydio Porto. Um outro bando de mulheres, se não o mesmo talvez, tinha pouco antes procurado defronte do palácio da presidência falar à força com o Dr. Gama Rosa, gritando em altos brados: “quem é o presidente? Apareça que queremos falar. Se não há presidente diga”, e cousas iguaes. A guarda de palácio teve necessidade de gritar as armas e calar bayonetas, afim de conter esse bando desordeiro que, à pretexto da fome, vae diariamente perturbando o soccego público, em quanto a presidência da província não tomar prontas e enérgicas providencias que façam cessar este estado de cousas (GAZETA DA PARAHYBA, 1889c, p. 1).

A sublevação nesse episódio traz questões relevantes acerca dos alvos das ações em massa das mulheres retirantes. O saque à farinha da casa comercial, o apedrejamento ao depósito do governo, além das palavras de ordem dirigidas ao próprio presidente em frente ao palácio da província são elementos simbólicos de protesto e ação direta, pois traduzem a insatisfação e indignação popular sobre o descaso das autoridades para com os retirantes nessa seca de 1889. Todavia, investir contra armazéns oficiais, saquear mercadorias e quebrar padrões de deferência foram alguns dos elementos presentes nesse ocorrido. Sem falar ainda de conseguirem que elas não sofressem retaliações pelas tropas do governo, apesar de o jornal reforçar medidas enérgicas à presidência nas próximas ocasiões.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo foi um exercício de refletir sobre alguns episódios de motins da fome nas grandes secas do final do oitocentos como expressões de uma política popular dos retirantes. Vimos como as cidades litorâneas e centros administrativos foram os principais territórios das ações coletivas dos sertanejos; as ameaças e boatos de saques às autoridades municipais, além





das alianças com grupos criminosos, e a participação das mulheres como organizadoras e protagonistas nas sublevações foram algumas das estratégias que os retirantes encontraram para conseguir a distribuição dos gêneros alimentícios.

Por vezes, alguns dirigentes entendiam as mensagens de reivindicações dos retirantes, porém, em sua grande maioria, faziam-se de surdos, como o já conhecido Bezerra Montenegro, presidente da província do Rio Grande do Norte, responsável pela ordem de distribuição dos gêneros apenas a cegos, doentes, aleijados e aos demais que procurassem trabalho, escreveu em seu relatório de 1879: “[...] O povo não acredita nas ordens ultimamente remetidas, e diz alto e bom som, ou farinha ou revolução” (RELATÓRIO, 1879, p. 11).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSUNÇÃO, Mathias Röhrig. **A guerra dos bem-te-vis: a Balaiada na memória oral.** São Luiz: EdUFMA, 2008.

ALONSO, Angela. **Ideias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império.** São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CÂNDIDO, Tyrone Apollo. **Proletários das secas: arranjos e desarranjos nas fronteiras do trabalho (1877-1919).** 2014. 352 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Fortaleza, 2014, p. 305.

CHAVES, José O. de Souza. **Fortaleza e os retirantes da seca de 1877-1879: o real de um imaginário dominante.** Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1995.

DANTAS, Mônica Duarte (org.). **Revolutas, motins, revoluções: homens livres e libertos no Brasil do século XIX.** São Paulo: Alameda, 2001.

**DIÁRIO DE PERNAMBUCO.** Ano LIV, nº 80, 06 de Abril de 1878, s/p.

**GAZETA DA PARAHYBA.** Ano II, nº 324, 19 de Julho de 1889a, p. 01.

**GAZETA DA PARAHYBA.** Ano II, nº 357, 31 de julho de 1889b, p. 02.

**GAZETA DA PARAHYBA.** Ano II, nº 361, 03 de agosto de 1889c, p. 01.

GARCIA, Ana Karine Martins. **A sombra da pobreza na cidade do sol: o ordenamento dos retirantes em Fortaleza na segunda metade do século XIX.** São Paulo, 2006, 208f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Estudos de Pós-Graduação em História Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2006.



GREENFIELD, Gerald M. *O comportamento dos migrantes e as atitudes das elites durante a grande seca do Nordeste: 1877-1879*. **Caderno de Estudos Sociais**, Recife, Fundação Joaquim Nabuco; Instituto de Pesquisas Sociais, v. 5, n. 2, p. 225-226, 1989.

GUHA, Ranajit. **La voces de la historia y otros estúdios subalternos**. Barcelona: Crítica, 2002.

**JORNAL DO RECIFE**. Ano XXI, nº 108, 11 de Maio de 1878a, p. 2.

**JORNAL DO RECIFE**. Ano XXI, nº 287, 13 de dezembro de 1878b, p. 1.

**JORNAL DO RECIFE**. *Relatorio com que installou a Assembléa Legislativa Provincial do Rio Grande do Norte no dia 4 de dezembro de 1878 o 1.º vice-presidente, o exm. sr. dr. Manoel Januario Bezerra Montenegro*. Pernambuco, Typ. do Jornal do Recife, 1879, p. 04.

MACIEL, Francisco Ramon de Matos. “Sedentas de sangue”: ações em massa de mulheres retirantes no rio grande do norte (1877- 1879). **Anais do XXIX Simpósio Nacional de História** – contra os preconceitos: história e democracia., Brasília, p. 1-12, 2017.

MONSMA, Karl. *Introdução*. In: TILLY, Charles. **Coerção, capital e Estados europeus**. São Paulo: Edusp, 1996.

NOBRE, Manoel Ferreira. *Mossoró em 1876*. In: **Breve Notícia sobre o Rio Grande do Norte**: baseada nas leis, informações e fatos considerados na História Antiga e Moderna. 2. ed. Porgetti: Rio de Janeiro, 1971. Mossoró: Coleção Mossoroense, Série “B”, v. 438, 1986.

NEVES, Frederico de Castro. **A multidão e a história**: saques e outras ações de massas no Ceará. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

PALÁCIO DO GOVERNO DO RIO GRANDE DO NORTE. 14/11/1878. Arquivo Nacional/RJ, *Série Interior*, pasta IJJ<sup>o</sup> 212.

REIS, João José. **Rebelião escrava no Brasil**: a história do levante dos malês em 1835. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

**RELATÓRIO COM QUE AO EXM. SR. DR. FRANCISCO DE CARVALHO SOARES BRANDÃO, PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DAS ALAGOAS, PASSOU A ADMINISTRAÇÃO DA MESMA PROVÍNCIA AO EXM. SR. DR. THOMAZ DO BOM-FIM ESPINDOLA, 1º VICE-PRESIDENTE EM 11 DE MARÇO DE 1878**. Maceio: Typ. do Liberal, 1878.

SECRETO, Maria Verônica. **(Des)medidos**: a revolta dos quebra-quilos (1874-1876). Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.